

Evidências de validade e precisão da escala de atitudes frente à Polícia

Thiago Gomes Nascimento, Cláudio V. Torres e Carlos Eduardo Pimentel

Thiago Gomes Nascimento é doutorando em Administração, mestre em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações e especialista em Segurança Pública e Cidadania, pela Universidade de Brasília. É especialista em Administração pela Fundação Getúlio Vargas. Oficial da Polícia Militar do Distrito Federal e professor da Academia de Polícia Militar de Brasília.

thiunb@gmail.com

Cláudio V. Torres é Ph. D. em Industrial Organizational Psychology na California School of Professional Psychology, pós-doutorado em Marketing pela Griffith University, Austrália, e pós-doutorado em Cross-cultural Research pela University of Sussex, Inglaterra. Professor da Universidade de Brasília.

claudio.v.torres@gmail.com

Carlos Eduardo Pimentel é doutorando em Psicologia Social, do Trabalho e Organizações na Universidade de Brasília e mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba.

carlospimentel@unb.br

Resumo

Numa sociedade repleta de crimes, é fundamental uma Polícia atuante, assim como pesquisas sobre as atitudes frente a esta instituição. No entanto, pouco se encontrou no contexto da psicologia nacional sobre a construção e validação de uma escala de atitudes diante da Polícia. Neste artigo se propõe tal medida para suprir esta lacuna. Os principais resultados foram obtidos por meio da análise fatorial confirmatória, que corroborou a estrutura unifatorial da medida, que era prevista. O coeficiente de confiabilidade (alfa de Cronbach) demonstrou elevada precisão da medida. Não se verificaram, ademais, efeitos do sexo nas atitudes em relação à Polícia, controlando-se a idade. As evidências favoráveis de validade e precisão desta medida são discutidas.

Palavras-Chave

Atitudes frente à Polícia. Validade. Precisão.

A psicologia social já foi definida anteriormente como o estudo científico das atitudes (KROSNICK; JUDD; WITTENBRINK, 2005). O modelo tridimensional concebeu as atitudes como sendo formadas pelos componentes afetivo, cognitivo e comportamental (OSKAMP; SCHULTZ, 2005), os quais, posteriormente, foram tratados como distintos (e não necessariamente relacionados), destacando-se a dimensão afetiva para as atitudes (modelo unidimensional). É consenso, todavia, que as atitudes são construtos formados a partir de estímulos e processos cognitivos, afetivos e comportamentais e geram respostas cognitivas, afetivas e comportamentais (OSKAMP; SCHULTZ, 2005).

As atitudes podem ser entendidas como “predisposições aprendidas para responder de um modo consistentemente favorável ou desfavorável com relação a um dado objeto” (FISHBEIN; AJZEN, 1975, p. 6), como associações entre avaliações e objetos atitudinais, representados enquanto nações, animais, grupos sociais, entre outros (FAZIO, SANBONMATSU, POWELL, KARDES, 1986), tipos de julgamentos e também como memórias (ALBARRACÍN; ZANNA; JOHNSON; KUMKALE, 2005). Albarracín et al. (2005) destacaram que, consensualmente, as atitudes têm sido definidas como “uma tendência psicológica que é expressa pela avaliação de uma entidade particular com um grau de favorabilidade e desfavorabilidade” (EAGLY;

CHAIKEN, 1993, p.1). Ou seja, a ênfase na dimensão avaliativa enquanto definidora das atitudes vem sendo destacada nos últimos anos (OSKAMP; SCHULTZ, 2005), conforme pode ser observado na teoria da ação racional (FISHBEIN; AJZEN, 1975), na teoria do comportamento planejado (AJZEN, 1991) ou no modelo MODE (OLSON; FAZIO, 2009).

Além da sua utilidade para se prever o comportamento (GLASMAN; ALBARRACÍN, 2006; FARLEY; LEHMANN; RYAN, 1981; KRAUS, 1995; WALLACE; PAULSON; LORD; BOND, 2005), certamente uma das maiores vantagens de se estudarem atitudes diz respeito à imensidade de objetos sociais que podem ser analisados a partir deste construto, como já assinalava Allport (1966) e Sheriff (SHERIFF; CANTRIL, 1945; ALBARRACÍN; JOHNSON; ZANNA, 2005; FAZIO et al., 1986; OSKAMP; SCHULTZ, 2005).

Neste sentido, uma instituição de grande relevância para a sociedade e que merece pesquisas a partir do estudo das atitudes é a Polícia. Apesar das críticas que possam existir em relação à conduta de policiais, não é possível negar a importância destes atores sociais para o controle da violência e criminalidade. Levantamentos de atitudes em relação à Polícia podem ser importantes para alcançar uma maior interação entre os policiais e a sociedade e uma melhor atuação dos policiais.

Atitudes frente à Polícia

A literatura aponta que poucos historiadores, cientistas sociais e cientistas políticos fazem qualquer menção à Polícia em seus relatos (BAYLEY, 2001). Só se fazia referência a esta instituição social quando da ocorrência de eventos de repressão política. De maneira geral, pode-se dizer que somente na atualidade as Polícias têm recebido atenção especial das ciências humanas e sociais, talvez em virtude dos problemas causados pela violência e criminalidade que assolam a contemporaneidade.

Foi realizado, na Eslovênia, um estudo com o objetivo de verificar as opiniões dos cidadãos sobre o trabalho da Polícia, a fim de monitorar e avaliar a qualidade dos procedimentos policiais aplicados nos contatos de trânsito e em acidentes de trânsito (AREH; DOBOVS ˇEK; UMEK, 2007). Os resultados deste estudo mostraram uma boa percepção dos participantes quanto aos procedimentos policiais, mas não ideal. Nos contatos de trânsito, os cidadãos consideraram os policiais educados, justos e compreensíveis, mas não conseguiram ajudar os motoristas a retornarem para o fluxo de tráfego e também não informaram as pessoas sobre seus direitos. Já no caso de acidentes de trânsito, os respondentes se disseram satisfeitos com o procedimento dos oficiais e com sua intenção de ajudar.

Após grande revisão da literatura sobre as percepções a respeito da Polícia, Brown e Benedict (2002) observaram que as variáveis idade, contato da vizinhança com a Polícia e raça têm impacto significativo sobre as atitudes em relação à Polícia, confirmando os estudos de Decker (1981). Entretanto, os autores não

encontraram evidências sobre o efeito da educação, gênero e níveis socioeconômicos, vitimização ou medo de vitimização.

Em outra pesquisa realizada com uma comunidade de hispânicos residentes no Texas, Carter (1985) avaliou a interação entre policiais e os habitantes desta área, com o intuito de se investigar o desempenho da Polícia, as expectativas do desempenho dos policiais e a satisfação da comunidade com a Polícia. Participaram desta pesquisa 500 pessoas, subdivididas em duas categorias: as que já tiveram contato com a Polícia; e aquelas que nunca tiveram e foram vítimas de alguma violência na rua. De acordo com os dados, os indivíduos que já tiveram contato com a Polícia avaliaram esses profissionais de forma mais negativa do que os outros. O autor considera, ainda, que uma das causas para este resultado se encontra no fato de a avaliação estar vinculada à interação entre as expectativas públicas e o desempenho dos policiais qualitativamente abaixo do esperado. Outro resultado do estudo evidenciou que, segundo os moradores da comunidade, os policiais possuem uma atitude negativa diante de indivíduos hispânicos, indicando a necessidade de maior patrulhamento da Polícia, aumento de investigações, bem como maior rapidez em sua atuação.

Vale notar que nenhum dos estudos relatados foi desenvolvido no Brasil, porém, esta falta de pesquisas não é exclusiva do país. Conforme apontam Ren, Cao, Lovrich e Gaffney (2005), há uma escassez na literatura sobre avaliação, por parte de comunidades, do desempenho e confiança em policiais. Os autores sinalizam a necessidade de se avaliarem esses aspectos com o objetivo de melhorar a confiança nas Polí-

cias, bem como enquanto medida alternativa de maior eficácia desses profissionais. Em seus estudos sobre fontes de confiança nas Polícias, os autores demonstraram que atividades de policiais voluntários, que se envolvem em programas de prevenção do crime da comunidade, atuando mais próximo aos indivíduos, resultam em maior confiança e bem-estar na população.

Diante do exposto, pode-se perceber que as atitudes dos cidadãos em relação à Polícia têm sido examinadas em uma variedade de contextos, durante as últimas décadas. Um aspecto específico que também vem recebendo atenção especial refere-se à importância das atitudes juvenis frente à Polícia (BRICK; TAYLOR; ASBENSEN, 2009). Skogan (2006) aponta a idade como um dos principais indicadores de atitudes em relação à Polícia. As percepções negativas sobre a Polícia relacionadas com a idade estão associadas a fatores diferentes. Por exemplo, os contatos entre jovens e policiais ocorrem normalmente em condições controversas ou contraditórias (tais como estar parado, ser revistado ou detido). Uma proporção significativa de crimes é cometida por homens jovens, que são os alvos mais comuns de interesse da aplicação da lei. Outro fator, segundo o autor, refere-se a sentimentos antipoliciais, que podem ser entendidos como expressão da necessidade dos jovens para a liberdade e autonomia. Em contraste, os moradores mais velhos são mais propensos a fazerem contatos com a Polícia e estão mais interessados na segurança e nas questões a ela relacionadas (REISIG; CORREIA, 1997).

Em geral, os jovens têm atitudes desfavoráveis em relação à Polícia, expressam pouca confiança nos agentes e os classificam de forma negativa, no que se refere a medidas de competência, con-

fiança e desempenho global (ADAMS, 1996; BORRERO, 2001; DECKER, 1981). Os estudos de Friedman, Lurigio, Greenleaf e Albertson (2004) indicam que os contatos negativos com a Polícia levam a percepções negativas sobre os policiais. A este respeito, Adams (1996) afirma que incidentes abusivos envolvendo policiais e jovens são grosseiramente sub-relatados. Borrero (2001) gravou centenas de alegações de má-conduta policial contra menores, incluindo abuso físico, assédio verbal, ameaças e ataques violentos. Tendo em vista que as atitudes podem ser formadas por meio da interação com a Polícia, é possível entender as atitudes negativas dos jovens em relação à Polícia com base em algumas destas interações.

Não é surpresa o fato de as vítimas da excessiva força policial, que são desproporcionalmente do sexo masculino, jovens e pertencentes a minorias, apresentarem a percepção mais negativa a respeito da Polícia (FLANAGAN; VAUGHN, 1996). Tais contatos estabelecem as bases para a hostilidade de longa data entre a Polícia e moradores do bairro. Assim, o estudo de pontos de vista dos jovens sobre a Polícia é crítico como a justiça penal – crenças relacionadas, tais como exposições de policiais, emergem e se cristalizam na adolescência média e persistem na vida adulta (BOBO; JOHNSON 2004; FLANAGAN; SHERROD 1998; NIE-MI; HEPBURN, 1995). Outro estudo sobre atitudes em relação à Polícia foi realizado com um grupo de jovens-adolescentes que participavam de um programa destinado a ensinar técnicas de resolução de litígios e promover um diálogo com a Polícia local (BRANDT; MARKUS, 2000). Os resultados indicaram que, apesar de serem geralmente positivas, as atitudes das meninas em relação à Polícia eram

mais favoráveis do que as dos meninos e dos adolescentes que relataram experiências negativas com a Polícia.

Escala de atitudes

Para conhecer as atitudes, é necessário que estas sejam mensuradas e, para isso, a perspectiva psicométrica tem sido dominante, com especial ênfase na validade de construto (KROSNICK et al., 2005). Com o intuito de medir atitudes definidas como avaliações gerais, Crites, Fabrigar e Petty (1994) usaram pares de termos para escalas de diferencial semântico: positivo/negativo; agradável/desagradável; bom/ruim e desejável/indesejável, medidas num intervalo de sete pontos. Crites et al. destacaram a importância de se verificar a adequabilidade desta medida para diferentes objetos atitudinais e testaram-na para medir atitudes diante de diversos objetos, como literatura, matemática, pena de morte, etc. A precisão das escalas, calculada pelo coeficiente alfa de Cronbach, variou de 0,90 a 0,96, o que indica alta confiabilidade.

Para identificar atitudes diante do uso de maconha e em relação ao não uso de drogas, Simons e Carey (2000) adaptaram o formato de resposta desta escala de 7 para 9 pontos, encontrando alfas de 0,92 e 0,97, enquanto Simons e Gaher (2004) verificaram alfa de 0,92 para atitudes frente ao uso de álcool. Pesquisas realizadas no contexto brasileiro verificaram a unidimensionalidade desta medida por meio da abordagem fatorial confirmatória para atitudes em relação ao uso de maconha (GOUVEIA; PIMENTEL; QUEIROGA; MEIRA; JESUS, 2005) e de álcool (GOUVEIA; PIMENTEL; LEITE; ALBUQUERQUE; COSTA, 2009), bem como para

atitudes frente ao *site* de relacionamento social Orkut (FERREIRA; PIMENTEL; CIRINO; SANTOS; OLIVEIRA, 2008). Além disso, foi verificada sua validade preditiva e precisão para atitudes diante de drogas (GOUVEIA; PIMENTEL; MEDEIROS; GOUVEIA; PALMEIRA, 2007). Em suma, esta medida tem se demonstrado útil para medir diversos objetos atitudinais, com um modelo unifatorial que se ajusta bem aos dados, explica uma variância de 63% a 84% e com alfas variando de 0,81 a 0,94.

Esta medida de atitudes, além de válida e precisa, tem a vantagem de ser breve, possibilitando seu uso em um contexto no qual não se necessite de muito tempo ou mesmo concentração por parte do respondente. Outra vantagem é que esta medida pode ser incluída numa bateria de escalas que visem verificar a utilidade de um modelo de variáveis para se prever um comportamento-alvo.

Proposta de escala de atitudes frente à Polícia

Considerando-se as vantagens e as propriedades psicométricas encontradas, para os quatro itens desenvolvidos por Crites et al. (1994) para medir atitudes, objetivou-se utilizar tais itens para aferir atitudes em relação à Polícia, propondo-se assim uma *escala de atitudes frente à Polícia*.

Além de sua utilidade prática, tal medida também tem implicações relativas à originalidade desse estudo no país. Com o objetivo de identificar artigos sobre atitudes frente à Polícia, realizou-se uma busca no portal de *Periódicos Eletrônicos de Psicologia* (PePSIC) e no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brazil), sem, porém, se encontrar algum instrumento disponível. Ainda que nestes *sites*

existam vários artigos que analisaram esta instituição, como pesquisa sobre representações sociais da Polícia (RAMOS; NOVO, 2002) parece que as atitudes em relação à Polícia não foram estudadas; ou pelo menos não o foram na perspectiva psicométrica. Não se encontrou nenhum relato de pesquisa sobre uma escala para medir tais atitudes em nossa realidade.

O conhecimento das atitudes frente à Polícia pode ser muito útil para a sociedade e para a própria instituição policial, possibilitando verificar como determinados grupos a avaliam. Neste sentido, o conhecimento de tais avaliações pode ser um *feedback* importante do comportamento da Polícia, o que pode ajudar a reforçar procedimentos ou mesmo redefini-los, tendo em vista uma melhor atuação para e com a sociedade. Além desta utilidade, a presente pesquisa representa um teste empírico da escala de atitudes proposta por Crites et al. (1994) para um objeto atitudinal diverso daqueles testados pelos autores.

Logo, os itens usados para o objeto atitudinal Polícia, no presente estudo, têm o objetivo de aferir atitudes globais e já foram testados para diversos objetos atitudinais, verificando-se sua adequação em termos de validade de construto e precisão pelo coeficiente alfa de Cronbach. A validade de construto é considerada a forma mais fundamental de validade dos testes psicológicos (PASQUALI, 2003). A partir da análise fatorial confirmatória (CFA), é possível testar uma estrutura previamente definida (KLINE, 2010), no caso, a estrutura unifatorial da escala de atitudes. E o coeficiente alfa de Cronbach é a forma mais comum e prática de se obter a precisão de acordo com a teoria clássica dos testes (TCT) (LEDESMAN; IBÁÑEZ; MORA, 2002).

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa 220 estudantes de escolas públicas e privadas do Distrito Federal, distribuídos equitativamente quanto ao sexo. Já a idade dos envolvidos variou de 12 a 42 anos ($M = 16,94$; $DP = 4,031$, sendo 90% da amostra formada por adolescentes de 12 a 18 anos de idade). A escolaridade variou entre a 6ª série do ensino fundamental e a 3ª série do ensino médio, sendo que a maioria frequentava o ensino médio: 102 no 3º ano (37,8%); 34 na 2ª (12,6%) e 37 na 1ª (13,7%). A maior parte destes estudantes (66%) está inserida no Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd), 51,9% são de escolas privadas, 43,3% pertencem à classe média, 28,5% se declararam moderadamente religiosos e 77,8% são solteiros.

Instrumento

A escala de atitudes frente à Polícia constitui uma medida tipo lápis-e-papel de cunho auto-administrável. Para acessar as atitudes frente à Polícia, partiu-se dos quatro itens de atitudes desenvolvidos por Crites et al. (1994) e utilizados para atitudes em relação ao uso de maconha no contexto brasileiro (GOUVEIA et al., 2005). Portanto, foi usada a versão em português destes itens para escalas de diferencial semântico: 1) positivo/negativo; 2) agradável/desagradável; 3) bom/ruim e 4) desejável/indesejável, medidas num intervalo de 9 pontos, de -4 a +4, conforme adaptação de Simons e Carey (2000) na escala de resposta. Visando a simplificação da escoragem, no decorrer da codificação, todos os valores foram transformados para uma escala de 1 a 9, com ponto médio igual a 5, sendo que quanto maior o valor, mais desfavorável é a atitude.

Quadro 1 Escala de atitudes frente à Polícia

Considero a atuação da Polícia em nossa sociedade...

	4	3	2	1	0	-1	-2	-3	-4	
Positivo	<input type="checkbox"/>	Negativo								
Agradável	<input type="checkbox"/>	Desagradável								
Bom	<input type="checkbox"/>	Ruim								
Desejável	<input type="checkbox"/>	Indesejável								

Após ler as instruções, o respondente deveria assinalar o ponto na escala que melhor representa sua atitude em relação à Polícia, variando no contínuo dos pares de adjetivos bipolares. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) fazia parte da primeira folha e, ao final, se encontrava o questionário sociodemográfico.

Procedimento

Após autorização dos diretores e/ou da coordenação pedagógica das escolas, os alunos foram convidados a participar da pesquisa. Em caso de recusa, buscava-se outra pessoa que aceitasse participar. Neste ensejo, eram garantidos ao aluno o anonimato e o sigilo das respostas, conforme explicitado no TCLE. A aplicação foi realizada de forma individual no próprio ambiente escolar, contando com a colaboração de professores e de policiais militares à paisana, que foram instruídos a prestar esclarecimentos apenas sobre a forma de resposta, nunca com relação ao conteúdo do instrumento. Em média, dez minutos foram suficientes para responder a pesquisa.

Análise dos dados

Para digitação e análise dos dados, utilizou-se o pacote estatístico SPSS 15. Neste *software* foram calculadas análises fatoriais, correlacionais e de comparação de média. A análise fatorial confirmatória (CFA) foi realizada no AMOS 7, considerando-se, especificamente, os seguintes múltiplos índices de ajuste (BYRNE, 2001, 2010; BROWNE; CUDECK, 1993; HU; BENTLER, 1999; TABACHNICK; FIDELL, 2007):

- ∞ Razão $\chi^2/g.l.$, para o qui-quadrado relativo ($\chi^2/g.l.$), recomendando-se valores entre 2 e 3, ou até 5 para um ajuste adequado (ver comentários de GARSON, 2010). O valor-p associado deve ser não significativo;
- ∞ GFI e CFI. Os *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e *Comparative-Fit Index* (CFI) devem estar próximos de 1 para um ajuste adequado, mas tem-se recomendado um valor de pelo menos 0,90 e atualmente têm-se recomendado valores mais restritivos, $\geq 0,95$, para o CFI

(BYRNE, 2001, 2010; HU; BENTLER, 1999; THOMPSON, 2005);
 ∞ *RMSEA*. A *Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA)*, por outro lado, deve ser próxima de zero, considerando-se valores próximos de 0,06 ou menos (MCDONALD; HO, 2002), mas aceitando-se até 0,10 (BROWNE; CUDECK, 1993; HU; BENTLER, 1999). Este índice é comumente reportado com seu intervalo de confiança e o PCLOSE, que deve ser não significativo.

Resultados

Com o objetivo de mostrar evidências de validade e precisão da *escala de atitudes frente à Po-*

lícia, apresentam-se os resultados da análise fatorial, análise paralela, alfa de Cronbach, correlação interitem e análise fatorial confirmatória.

Análise fatorial, alfa de Cronbach e correlação interitem

Antes de se proceder à interpretação da análise fatorial, verificaram-se os índices de *KMO* = 0,85 e Teste de Esfericidade de Bartlett; $\chi^2 (6) = 626, 155, p < 0,001$, os quais são favoráveis. Assim, realizou-se a análise fatorial pelo método dos eixos principais (PAF), sem se fixar rotação ou número de fatores. Os resultados desta análise, juntamente com o índice de precisão (pela técnica alfa de Cronbach) da escala e estatísticas descritivas univariadas, são sumariados na Tabela 1.

Tabela 1
Itens tipo diferencial semântico, estrutura fatorial, médias e desvios-padrão e índice de precisão da escala de atitudes frente à Polícia

Conteúdo atitudinal	M	DP	Carga fatorial	h ²
Positivo/negativo	3,54	2,44	0,86*	0,74
Agradável/desagradável	3,67	2,29	0,89*	0,78
Bom/ruim	3,56	2,51	0,91*	0,82
Desejável/indesejável	2,67	2,34	0,76*	0,58
Número de itens	4			
Eigenvalue	3,19			
% variância total	79,65			
Alfa de Cronbach	0,91			

Fonte: Pesquisa Evidências de validade e precisão da escala de atitudes frente à Polícia
 *Carga fatorial considerada satisfatória [0,40].

Como se pode observar, a melhor solução encontrada foi a de estrutura unifatorial. O exame das médias obtidas apontou que os participantes apresentaram, em sua maioria, atitudes moderadamente favoráveis em relação à Polícia. A análise paralela (PA) com 1.000 simulações e 99% de confiança gerou um autovalor aleatório de 1,15 e outro de 1,04, o que, comparado aos autovalores gerados pela PAF (3,19 e 0,38), confirma a estrutura unifatorial da escala. Todas as cargas fatoriais saturaram fortemente neste único fator, o qual explicou quase 80% da variância do construto.

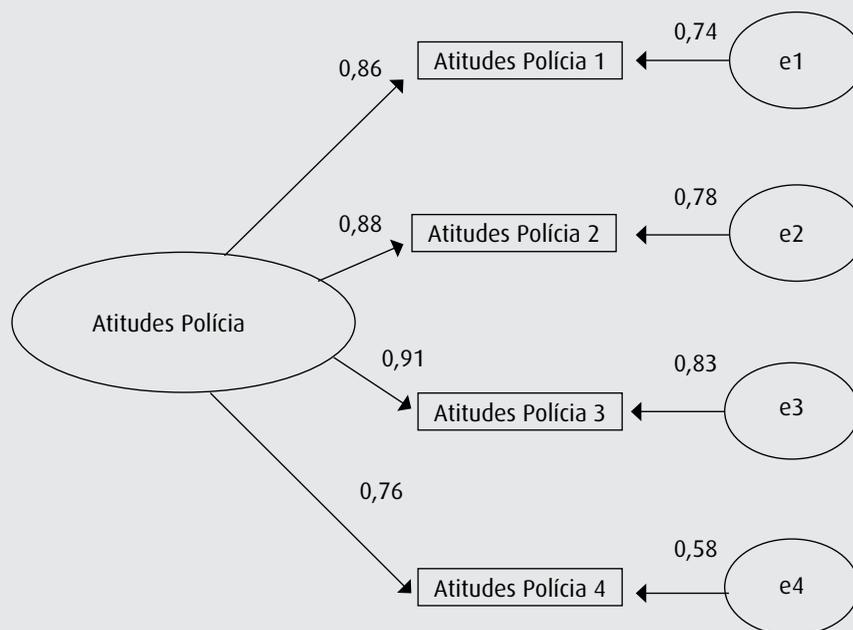
A análise de precisão foi obtida pelo coeficiente alfa de Cronbach, que se apresentou muito satisfatório ($\alpha=0,91$), e as correlações entre os itens variaram de 0,66 a 0,81 ($r_{\text{média}} = 0,73$), demonstrando boa consistência interna.

Análise fatorial confirmatória (CFA)

Adicionalmente, realizou-se uma CFA, tendo em conta a matriz de covariâncias e utilizando o método ML (*Maximum Likelihood*) de estimação, com o objetivo de aportar novas informações à análise anterior, cujo caráter foi mais exploratório. A solução unifatorial com os pesos de regressão padronizados são apresentados na Figura 1.

Os resultados da CFA demonstram que o modelo unifatorial de atitudes em relação à Polícia se ajustou muito satisfatoriamente aos dados: $\chi^2(2) = 2,348$, $p > 0,05$; $\chi^2/\text{gl} = 1,17$, $GFI = 0,99$, $CFI = 1$ e $RMSEA = 0,03$ ($IC90\% = 0,00 - 0,14$, $PCLOSE=0,486$), com todos os pesos de regressão estatisticamente significativos ($p < 0,001$).

Figura 1
CFA da escala de atitudes frente à Polícia



Atitudes frente à Polícia: sexo e idade

Realizou-se uma análise de covariância (ANCOVA), tendo a pontuação total de atitudes em relação à Polícia como variável dependente, o sexo como fator fixo e a idade como co-variável. As médias mostram que os estudantes do sexo masculino apresentaram atitudes mais favoráveis frente à Polícia ($M = 3,22$, $DP = 1,94$) do que as mulheres ($M = 3,45$, $DP = 2,31$). Entretanto, não se verificou qualquer efeito estatisticamente significativo do sexo nas atitudes frente à Polícia ($F = 0,659$, $p > 0,05$) nem correlação dessas atitudes com a idade.

Discussão

De acordo com os principais resultados desta pesquisa, reuniram-se evidências de validade de construto e precisão para a *escala de atitudes frente à Polícia*. Este objetivo foi alcançado por meio da teoria clássica dos testes (TCT) (LEDESMA; IBAÑEZ; MORA, 2002; PASQUALI, 2003) e de abordagem fatorial confirmatória (BYRNE, 2001, 2010; THOMPSON, 2005; KLINE, 2010).

Com base na análise PAF, verificou-se uma estrutura unifatorial da escala com elevadas cargas fatoriais. Como tem sido recomendado na literatura especializada, foi utilizada a PA para determinação de fatores a serem extraídos na análise fatorial (HAYTON; ALLEN; SCARPELLO, 2004). Tal análise ratificou a pertinência de se reter um fator, o qual foi responsável por quase 80% da variância explicada do construto. Os índices de ajuste da CFA revelaram que o modelo unifatorial da escala de atitudes se ajustou adequadamente aos dados (BYRNE, 2001,

2010; BROWNE; CUDECK, 1993; HU; BENTLER, 1999; TABACHNICK; FIDELL, 2007). Estes resultados corroboram pesquisas previamente realizadas no Nordeste brasileiro com outros objetos atitudinais (GOUVEIA et al., 2005, 2007, 2009; FERREIRA et al., 2008). No que tange à precisão, também foi observado um índice adequado, por meio da técnica alfa de Cronbach (PASQUALI, 2003; NUNALLY, 1978). Além desta técnica, a correlação interitens revelou boa consistência interna (CLARK; WATSON, 1995). Em resumo, os índices de precisão encontrados atestam a precisão da escala e corroboram pesquisas previamente realizadas em outros contextos (CRITES et al., 1994; Simons; Carey, 2000, 2004).

Não se verificou qualquer diferença estatisticamente significativa nas atitudes em relação à Polícia segundo o sexo e idade dos participantes. Este dado não corroborou pesquisas em outros contextos, que mostraram que os mais jovens e do sexo masculino apresentaram atitudes mais negativas frente à Polícia (BRANDT; MARKUS, 2000; FLANAGAN; VAUGHN, 1996; REISIG; CORREIA, 1997; SKOGAN, 2006). Neste sentido, existem exceções que não têm mostrado o efeito da idade em relação à percepção e avaliações sobre a Polícia e não se tem encontrado consenso quanto às diferenças por gênero (BROWN; BENEDICT, 2002). No entanto, quanto à idade, uma explicação para este dado reside na variabilidade da amostra. Como se evidenciou, trata-se de uma amostra, em sua maioria, de adolescentes (90%) e participantes do Proerd, que é um programa de combate às drogas, cujos professores são policiais. Isto pode ter impactado nas atitudes destes jovens, tornando-as inclusive mais

positivas. Por outro lado, novas pesquisas devem ser realizadas no nosso contexto, com o objetivo de melhor entender estas relações, estudando uma amostra mais heterogênea, com maior número de adultos.

Considerações finais

Foram verificadas evidências favoráveis de validade de construto e precisão para a *escala de atitudes frente à Polícia*. Foram corroboradas sua estrutura unifatorial e elevada consistência interna. Pode-se, portanto, re-

comendar o uso desta medida para pesquisas que objetivem conhecer mais sobre as atitudes em relação à Polícia. Com este objetivo, é possível pesquisar diversas variáveis, tais como os traços de personalidade e comportamentos antissociais, ou mesmo se comparar as atitudes de brancos e negros (BROWN; BENEDICT, 2002). Novas evidências de validade e precisão devem ser estimuladas, buscando-se, por exemplo, conhecer a estabilidade temporal por meio de teste re-teste, ou ainda a validade preditiva desta medida, considerando a interação com a Polícia.

Referências bibliográficas

- ADAMS, K. Measuring the prevalence of police abuse of force". In: GELLER, W.; TOCH, H. **Police violence: understanding and controlling police abuse of force**. New Haven, CT: Yale University Press, 1996, p. 52-93.
- ADAMS, R. E.; ROHE, W. M.; ARCURY, T. A. Awareness of community-oriented policing and neighborhood perceptions in five small to midsize cities. **Journal of Criminal Justice**, v. 33, n. 1, p. 43-54, 2005.
- AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, n. 50, p. 179-211, 1991.
- ALBARRACÍN, D.; ZANNA, M. P.; JOHNSON, B. T.; KUMKALE, G. T. Attitudes: introduction and scope. In: ALBARRACÍN, D.; JOHNSON, B. T.; ZANNA, M. P. (Eds.). **The handbook of attitudes**. London: Laurence Erlbaum Associates, Publishers, 2005, p. 3-21.
- ALLPORT, G. W. Attitudes in the history of social psychology. In: WARREN, N.; JAHODA, M. (Eds.). **Attitudes**. London: Penguin Books, 1966, p. 15-21.
- AREH, I.; DOBOVS `EK, B.; UMEK, P. Citizens' opinions of police procedures. **Policing: an International Journal of Police Strategies & Management**, v. 30, n. 4, p. 637-650, 2007.
- BAYLEY, D. **Padrões de policiamento**. Tradução de R. A. Belmonte. . São Paulo: Edusp, 2001.
- BOBO, L.; JOHNSON, D. A taste for punishment: Black and white americans' views on the death penalty and the war on drugs. **Du Bois Review**, n. 1, p. 151-80, 2004.
- BORRERO, M. The widening mistrust between youth and police. **Families and Society: the Journal of Contemporary Human Services**, v. 82, n. 1, p. 399-408, 2001.
- BRANDT, D. E.; MARKUS, K. A. Adolescent attitudes towards the police: a new generation. **Journal of Police and Criminal Psychology**, v. 15, n. 1, p. 10-16, 2000.
- BRICK, B. T.; TAYLOR, T. J.; ASBENSEN, F. A. Juvenile attitudes towards the police: the importance of subcultural involvement and community ties. **Journal of Criminal Justice**, v. 37, n. 5, p. 488-495, 2009.
- BROWN, B.; BENEDICT, W. R. (Perceptions of the police: past findings, methodological issues, conceptual issues, and policy implications. **Policing: an International Journal of Police Strategies and Management**, v. 25, n. 3, p. 543-580, 2002.
- BROWNE, M. W.; CUDECK, R. Alternative ways of assessing model fit. In: BOLLEN, K. A.; LONG, J. S. (Eds.). **Testing structural equation models**. Newbury Park, CA: Sage, 1993, p. 136-162.
- BYRNE, B. M. (**Structural equation modeling with AMOS: basic concepts, applications, and programming**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.
- _____. **Structural equation modeling with AMOS: basic concepts, applications, and programming**. New York: Routledge, Taylor and Francis Group, 2010.
- CARTER, D. L. Hispanic perception of police performance: an empirical assessment. **Journal of Criminal Justice**, v. 13, n. 6, p. 485-500, 1985.
- CLARK, A. C.; & WATSON, D. Constructing validity: basic issues in objective scale development. **Psychological Assessment**, n. 7, p. 309-319, 1995.
- CRITES, S. L.; FABRIGAR, L. R.; PETTY, R. E. Measuring the affective and cognitive properties of attitudes: conceptual and methodological issues. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 20, n. 6, p. 619-634, 1994.
- DAVIS, R. C.; MATEU-GELABERTH. **Policamento eficiente e com respeito: dois exemplos no South Bronx**. Relatório de pesquisa do Vera Institute of Justice. New York, 1999. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/senasp/senasp/bibliot_monografias.htm>. Acesso em: fev. 2005.
- DECKER, S. Citizen attitudes toward the police: a review of the past findings and suggestions for future policy. **Journal of Police Science and Administration**, v. 9, n. 1, p. 80-87, 1981.

EAGLY, A. H.; CHAIKEN, S. **The psychology of attitudes**. Orlando, FL: Harcourt Brace Jovanovich, 1993.

FARLEY, J. U.; LEHMANN, D. R.; RYAN, M. J. Generalizing from "imperfect" replication. **Journal of Business**, n. 54, p. 597-610, 1981.

FAZIO, R. H.; SANBONMATSU, D. M.; POWELL, M. C.; KARDDES, F. R. On the automatic activation of attitudes. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 50, p. 229-238, 1986.

FERREIRA, D. C. S.; PIMENTEL, C. E.; CIRINO, C. S.; SANTOS, H. S.; OLIVEIRA, M. C. Psicologia da era virtual: atitudes de estudantes adolescentes frente ao Orkut. **Psicologia Argumento**, v. 26, n. 55, p. 305-317, 2008.

FISHBEIN, M.; AJZEN, I. **Belief, attitude, intention, and behavior**: an introduction to theory and research. Reading, MA: Addison-Wesley, 1975.

FLANAGAN, C.; SHERROD, L. (Youth political development. **Journal of Social Issues**, v. 54, n. 1, p. 447-56, 1998.

FLANAGAN, T.; VAUGHN, M. Public opinion about police abuse and force. In: GELLER, W.; TOCH, H. **Police violence**: understanding and controlling police abuse of force. New Haven, CT: Yale University Press, 1996, p. 113-128.

FRIEDMAN, W.; LURIGIO, A. J.; GREENLEAF, R. G.; ALBERTSON, S. Encounters between police and youth. **Social Costs of Disrespect**, v. 27, n. 1, p. 1-25, 2004.

GLASMAM, L. R.; ALBARRACÍN, D. Forming attitudes that predict future behavior: a meta-analysis of the attitude-behavior relation. **Psychological Bulletin**, v. 13, n. 5, p. 778-822, 2006.

GOUVEIA, V. V.; PIMENTEL, C. E.; LEITE, P. R. L.; ALBUQUERQUE, J. R.; COSTA, T. A. B. Escala de atitudes frente ao uso de álcool: evidências de validade fatorial e preditiva. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 4, p. 672-685, 2009.

GOUVEIA, V. V.; PIMENTEL, C. E.; MEDEIROS, E. D.; GOUVEIA, R. S.; PALMEIRA, J. N. (Escala de atitudes frente ao

uso de drogas: evidências de validade fatorial e preditiva. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 56, n. 1, p. 53-59, 2007.

GOUVEIA, V. V.; PIMENTEL, C. E.; QUEIROGA, F.; MEIRA, M.; JESUS, G. R. Escala de atitudes frente ao uso de maconha: comprovação da sua validade de construto. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 54, n. 1, p. 5-12, 2005.

HAYTON, J. C.; ALLEN, D. G.; SCARPELLO, V. Factor retention decisions in exploratory factor analysis: a tutorial on parallel analysis. **Organizational Research Methods**, n. 7, p. 191-205, 2004.

HU, L. T.; BENTLER, P. M. Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. **Structural Equation Modeling**, n. 6, p. 1-55, 1999.

HURST, Y.; FRANK, J. How kids view cops: the nature of juvenile attitudes toward the police. **Journal of Criminal Justice**, v. 28, n. 3, p. 165-260, 2000.

KLINE, R. B. **Principles and practice of structural equation modeling**. New York: The Guilford Press, 2010.

KRAUS, S. J. Attitudes and the prediction of behavior: a meta analysis of the empirical literature. **Personality and Social Psychology Bulletin**, n. 21, p. 58-75, 1995.

KROSNICK, J. A.; JUDD, C. M.; WITTENBRINK, B. The measurement of attitudes. In: ALBARRACÍN, D.; JOHNSON, B. T.; ZANNA, M. P. (Eds.). **The handbook of attitudes**. London: Laurence Erlbaum Associates, Publishers, 2005, p. 21-76.

LEDESMA, R.; IBAÑEZ, G.M.; MORA, P. V. Análisis de consistência interna mediante Alfa de Cronbach: un programa basado en gráficos dinámicos. **Psico-USF**, v. 7, n. 2, p. 143-152, 2002.

MCDONALD, R. P.; RO, M.-H. R. Principles and practice in reporting structural equation analyses. **Psychological Methods**, v. 7, n. 1: 64-82, 2002.

NIEMI, R.; HEPBURN, M. The rebirth of political socialization. **Perspectives on Political Science**, v. 24, n. 1, p. 7-16, 1995.

NUNNALLY, J. C. **Psychometric theory**. New York: McGraw-Hill, 1978.

OLSON, M. A.; FAZIO, R. H. Implicit and explicit measures of attitudes: the perspective of the MODE model. In: PETTY, R. E.; FAZIO, R. H.; BRIÑOL, P. (Eds.). **Attitudes: insights from the new implicit measures**. New York, NY: Psychology Press, 2009, p. 19-63.

OSKAMP, S.; SCHULTZ, W. P. **Attitudes and opinions**. London: Laurence Erlbaum Associates, Publishers, 2005.
PASQUALI, L. (**Psicometria: teoria dos testes na psicologia e educação**). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PERIÓDICOS ELETRÔNICOS DE PSICOLOGIA – **PePSIC Atitudes frente à Polícia**. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acesso em: 02 jan. 2011.

_____. **Escala de atitudes frente à Polícia**. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acesso em: 02 jan. 2011.

RAMOS, F. P.; NOVO, H. A. Representações sociais de governo, justiça e Polícia: um estudo nas camadas média e popular da Grande Vitória/ES. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 4, n. 1, p. 29-37, 2002.

REISIG, M. D.; MICHAEL, C. Public evaluation of police performance: an analysis across three levels of policing. **Policing: An International Journal of Police Strategies and Management**, v. 20, n. 1, p. 311-325, 1997.

REN, L.; CAO, L.; LOVRICH, N.; GAFFNEY, M. Linking confidence in the police with the performance of the police: community policing can make a difference. **Journal of**

Criminal Justice, v. 33, n. 1, p. 55-66, 2005.

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE – **SciELO Atitudes frente à Polícia**. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

_____. **Escala de atitudes frente à Polícia**. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

SHERIFF, M.; CANTRIL, H. The psychology of “attitudes”. I. **The Psychological Review**, v. 52, n. 6, p. 295-319, 1945.

SIMONS, J.; CAREY, K. B. Attitudes toward marijuana use and drug-free experience: Relationships with behavior. **Addictive Behaviors**, v. 25, n. 3, p. 323-31, 2000.

SIMONS, J. S.; GAHER, R. M. Attitudes toward alcohol and drug-free experience among college students: Relationships with alcohol consumption and problems. **American Journal of Drug and Alcohol Abuse**, v. 31, n. 2, p. 337-56, 2004.

TABACHNICK, B. G.; FIDELL, L. S. **Using multivariate statistics**. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon, 2007.

THOMPSON, B. **Exploratory and confirmatory factor analysis**. Understanding concepts and applications. Washington: American Psychological Association, 2005.

WALLACE, D. S.; PAULSON, R. M.; LORD, C. G.; BOND Jr., C. F. Which behaviors do attitudes predict? Meta-analyzing the effects of social pressure and perceived difficulty. **Review of General Psychology**, n. 9, p. 214-227, 2005.

Evidências de validade e precisão da escala de atitudes frente à Polícia

Thiago Gomes Nascimento, Cláudio V. Torres e Carlos Eduardo Pimentel

Resumen

Evidencias de validez y precisión de la escala de actitudes frente a la Policía

En una sociedad repleta de crímenes, es fundamental una Policía actuante, así como investigaciones sobre las actitudes frente a esta institución. Sin embargo, ha sido poco lo encontrado en el contexto de la psicología nacional sobre la construcción y validación de una escala de actitudes ante la Policía. En este artículo se propone tal medida para suplir esta laguna. Los principales resultados fueron obtenidos por medio del análisis factorial confirmatorio, que corroboró la estructura unifactorial de la medida que estaba prevista. El coeficiente de confiabilidad (alfa de Cronbach) demostró una elevada precisión de la medida. No se verificaron, además, efectos del sexo en las actitudes con relación a la Policía, controlándose la edad. Se discuten las evidencias favorables de validez y precisión de esta medida.

Palabras clave: Actitudes frente a la Policía. Validez. Precisión.

Abstract

Evidence of the validity and accuracy of the attitude scale used for the police

In crime-riddled societies, it is essential to have both an active police force and studies on the attitudes towards the police. However, few Brazilian psychology studies exist on the construction and validation of a scale of attitudes towards the police. This paper aims to fill this void. The major results in this study were obtained through confirmatory factor analysis, which corroborated that the structure of this measure comprised of a single factor. The measure was also shown to be highly accurate, as assessed by Cronbach's alpha reliability coefficient. In addition, the sex of the individual was not found to be significant in attitudes towards the police, but age was a controlling factor. Favorable evidence of the validity and accuracy of the measure is discussed.

Keywords: Attitudes towards the Police. Validity. Accuracy.

Data de recebimento: 22/01/2011

Data de aprovação: 11/07/2011

